

10-2009

Carlos Besnard --- Vida de Luís Grignon de Montfort

Carlos Besnard

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Besnard, C. (2009-2010). Carlos Besnard --- Vida de Luís Grignon de Montfort. *Missão Espiritana*, 16-17 (16-17). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol16/iss16/25>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

18. Carlos Besnard¹ – Vida de Luís Grignon de Montfort

Cláudio Poullart des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo, pertencia a uma família muito antiga de Bretanha, da diocese de Saint Brieuç. Nasceu em Rennes a 27² de fevereiro de 1679 na paróquia de São Pedro, em São Jorge, e nela foi batizado no mesmo dia do nascimento. A sua mãe consagrou-o à Santíssima Virgem, e em honra dela vestiu-o de branco até à idade de sete anos. Estudou humanidades e filosofia no colégio de Rennes. Foi ali que estabeleceu uma relação estreita com o Sr. de Montfort. Os dois concordaram formar uma associação para honrar de maneira especial a Santíssima Virgem. Reuniam-se em dias determinados, num quarto emprestado por uma pessoa piedosa. [...] Esta associação permaneceu ativa, mesmo depois da saída do Sr. Grignon [sic] para Paris, devido ao zelo e ao esforço do jovem des Places a quem a associação ficara entregue. Foi ele quem a animou e a manteve de pé.

Entretanto, os sonhos da família iam no sentido de Cláudio se mostrar ao mundo. Ele consentiu, talvez até em excesso. A sua paixão dominante era a de sobressair na sociedade. Temos de reconhecer que ele tinha todos os requisitos para se fazer notar. Seu pai resolveu fazer dele conselheiro do Parlamento da Bretanha e a mãe estava tão convencida de que esse ia ser o seu futuro que até lhe tinha comprado a

“os sonhos da família iam no sentido de Cláudio se mostrar ao mundo.”

¹ Carlos Besnard entrou no Seminário do Espírito Santo pouco depois da morte de Poullart des Places. Besnard fez uma recolha de memórias e recordações ainda muito frescas; a relação entre Poullart e Grignon de Montfort confirmou-o na fidelidade à sua vocação; fez-se monfortino, e chegou a ocupar até o cargo de Superior Geral; embora não seja testemunha ocular de Poullart, é uma testemunha muito próxima pela sua história pessoal e pela do seu instituto. Consagrou-lhe uma parte do livro 5 da sua obra sobre Luís Maria Grignon de Montfort.

² Besnard erra quanto a esta data; Cláudio Francisco foi baptizado a 27 de fevereiro, mas nasceu a 26.

toga de magistrado [...] Mas Deus iluminou-o com uma luz viva que o levou a dar-se conta de que não era essa a sua vocação. Pediu autorização a seu pai para frequentar a Sorbona e ingressar no estado eclesiástico. Esta opção foi como um raio que fulminasse este respeitável cavalheiro, uma vez que o filho era o único que poderia perpetuar o seu nome e suceder-lhe no cargo. Fez tudo o que estava ao seu alcance para o desviar desse projeto; mas Cláudio permaneceu inflexível e os pais não se atreveram a contrariar uma vocação tão evidente.

Tendo chegado a Paris, entrou no colégio de Clermont [...] A leitura da vida do P. Le Nobletz,³ missionário, falecido em odor de santidade na Bretanha, ajudou-o muito a desprezar o mundo e a vencer todo e qualquer respeito humano⁴.

A partir de então, dedicou as suas poupanças⁵ e até parte do necessário, para ajudar uns estudantes pobres a prosseguir os seus estudos; já antes dava todos os dias metade da sua comida a um desses estudantes pobres, que vivia perto do colégio. Isto era o prenúncio do que iria fazer daí a pouco com tal zelo que os frutos perduram ainda hoje. A amizade profunda que nascera entre ele e Grignon, em Rennes, longe de esmorecer com o tempo, aumentava cada vez mais. [...] Desplaces sentiu que Deus queria servir-se dele para povoar o seu santuário e para formar guias e mestres para o seu povo. Descobriu ainda que para o conseguir, o melhor que tinha a fazer era continuar a prover à subsistência dos estudantes pobres, de maneira a eles poderem prosseguir os seus estudos. Não se limitou a estas ajudas materiais. Concebeu o plano de os juntar num apartamento onde ele iria de tempos a tempos fazer-lhes palestras, e de olhar por eles tanto quanto lho permitisse a sua vida no colégio. Deu a conhecer este projeto ao seu confessor, que o aprovou. O

“A amizade profunda que nascera entre ele e Grignon, em Rennes, longe de esmorecer com o tempo, aumentava cada vez mais.”

³ Michel Le Nobletz (†1652) empreendeu a reevangelização da Bretanha na primeira metade do século XVII, juntando um constante zelo pastoral à prática dum rigorosa disciplina. O livro *La vie de M. Le Nobletz, prêtre et missionnaire*, escrito pelo P. Verjus, Paris 1666, impressionou muito Poullart.

⁴ Joseph Michel, CSSp, insiste sobre a influência da Assembleia dos Amigos (AA) na consolidação da vida cristã de Poullart, jovem teólogo em Luís-o-Grande, e sobre a sua orientação de fundador. Tendo descoberto nos arquivos s.j. de Toulouse um “billet de bien”, reconhece lá Poullart sob anonimato: “Um outro (confrade) sustenta um estudante pobre e paga-lhe a pensão, compra roupas usadas para vestir outras pessoas pobres; faz ainda oito visitas por dia ao SS. Sacramento e comunga três vezes por semana; faz frequentes visitas aos hospitais; duas vezes por semana dá catequese a vinte saboianos (limpa-chaminés) pobres e ajuda-os também materialmente; adverte caritativamente os confrades que não cumprem os seus deveres; bebe só água e come muito pouco e nunca aquilo de que gosta mais”. (J. Michel, *L’Influence de l’AA sur Claude François Poullart des Places, Paris, 1992*).

⁵ Thomas escreve nas suas Memórias: “O senhor seu pai, que sabia economizar, só lhe dava uma pensão de oitocentas libras. Era uma pensão bastante módica para um jovem da sua idade. No entanto, ele arranjava maneira de dar grande parte dela aos pobres. Ajudava preferencialmente os pobres envergonhados, e tinha um jeito maravilhoso de os poupar a constrangimentos”.

diretor do colégio foi mais longe: prometeu secundá-lo nesta boa obra concedendo-lhe uma parte da comida que sobrava das mesas dos alunos do colégio para ajudar à subsistência de seus estudantes pobres.

Ao mesmo tempo, o Sr. de Montfort concebia também um outro projeto digno do seu grande coração. Consistia em procurar clérigos animados de um mesmo espírito e associá-los a si para formar com eles uma Companhia de homens apostólicos. [...] Logo pôs os olhos em Desplaces pedindo-lhe que o ajudasse na realização desse projeto. Foi vê-lo, apresentou-lhe o seu plano e convidou-o a juntar-se a ele para a fundação dessa boa obra. Desplaces respondeu-lhe com toda a franqueza: “*Não me sinto nada atraído pelas missões; estou, porém, consciente do enorme bem que nelas se pode fazer e, por isso, tudo farei para colaborar consigo, fielmente e com afinco. Sabe que, já desde há uns tempos, estou a repartir tudo aquilo de que disponho com uns estudantes pobres para os ajudar a prosseguir os seus estudos. Conheço alguns com grandes qualidades e que, por falta de recursos, as não podem fazer render, e são obrigados a enterrar talentos que poderiam ser muito úteis à Igreja se fossem cultivados. Quero dedicar-me a esta tarefa juntando-os todos numa só casa. Parece-me que é isto o que Deus me pede e fui confirmado nesta minha ideia por pessoas esclarecidas, uma das quais até me deu a entender que me ajudaria no sustento destes estudantes. Se Deus me conceder a graça de ser bem sucedido, poderá contar com missionários. Eu preparo-os e você emprega-os. Assim ficaremos os dois satisfeitos*”. [...]

Des Places começou por alugar um quarto na rua dos Cordiers, perto do colégio, e ali acolheu os estudantes pobres a quem já prestava assistência e cujas boas disposições bem conhecia. Os progressos em toda a linha destes primeiros discípulos era muito notório o que atraiu outros excelentes candidatos. Pensou, por isso, em alugar uma casa para terem mais espaço. Em pouco tempo formou-se uma comunidade de clérigos⁶, para os quais redigiu regras cheias de sabedoria, examinadas e aprovadas por pessoas de grande experiência. Ele mesmo era o primeiro a cumprir o que recomendava aos outros. Não se contentava só com fazer-lhes frequentes preleções, tinha o cuidado de lhes proporcionar retiros, convidando para os orientar pessoas de entre as mais qualificadas neste ministério. Aproveitava mesmo todas as oportunidades para lhes facultar alguns exercícios de piedade. Convidava a acompanharem-no à sua comunidade alguns dos seus amigos que o iam ver e que tinham o dom da palavra. [...]

Mas quando Des Places⁷ se entregava totalmente aos cuidados exigidos pela sua comunidade nascente, e se esgotava com austerida-

“Des Places começou por alugar um quarto na rua dos Cordiers, perto do colégio, e ali acolheu os estudantes pobres a quem já prestava assistência e cujas boas disposições bem conhecia.”

⁶ “O Sr. Cláudio Francisco Poullart des Places, em mil setecentos e três, na Festa de Pentecostes, sendo ainda aspirante ao estado eclesiástico, começou a fundação da dita Comunidade e Seminário consagrado ao Espírito Santo sob a invocação da Santíssima Virgem concebida sem pecado” (extrato dum registo CSSp, copiado in “Gallia Christiana”, 1744).

⁷ Graças à partilha das suas responsabilidades, Poullart pôde concluir os estudos teológicos; foi ordenado subdiácono a 18 de dezembro de 1706, diácono a 19 de março de 1707 e padre a 17 de dezembro seguinte.

des, foi atacado por uma pleurisia aliada a uma febre persistente e a cólicas violentas que durante quatro dias lhe provocaram dores horríveis. Estas dores não conseguiram arrancar-lhe nenhum queixume, nem sequer uma só palavra de impaciência. Davam-se conta da atrocidade dos seus sofrimentos apenas pelos atos de resignação que recitava. O desfalecimento da sua natureza parecia emprestar-lhe novas forças para constantemente repetir as palavras do santo rei Davíd: “*Como são amáveis as vossas moradas, Senhor do universo! A minha alma suspira e anseia pelos átrios do Senhor!* (Sl. 83, 2-3).

Logo que se soube em Paris da gravidade da sua doença, muitas pessoas distintas por sua piedade e posição social, vieram visitá-lo [...]. De manhã cedo recebeu a unção dos enfermos em perfeita consciência e plena liberdade de espírito, e expirou docemente às 5 horas da tarde do dia 2 de outubro do ano de 1709, com a idade de 30 anos e 7 meses.

“Assim foi a vida do santo e célebre P. Des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo em Paris...”

Assim foi a vida do santo e célebre P. Des Places, fundador do Seminário do Espírito Santo em Paris...

Todos sabem qual o destino dos jovens clérigos educados no Seminário do Espírito Santo. Formados para o exercício de todas as funções próprias do ministério sagrado e para a prática de todas as virtudes sacerdotais, e estimulados ainda pelo exemplo de diretores sábios, são dotados em alto grau de capacidade de desprendimento, de zelo, e de obediência. Dedicam-se ao serviço e às necessidades da Igreja com a única intenção de a servir e de lhe ser úteis. Vemo-los dóceis aos seus superiores e prontos, ao mínimo sinal de comando (sempre de acordo com os bispos), a responderem qual corpo de reservistas, dispostos a irem para qualquer lado em que seja preciso trabalhar pela salvação das almas, dedicando-se de preferência à obra das missões, tanto estrangeiras como nacionais, oferecendo-se para viver nos lugares mais pobres e abandonados, para onde é mais difícil achar quem queira ir. Quer se trate de ser mandado para um lugar remoto de província ou sepultado num canto qualquer dum hospital, de dar aulas num colégio ou num seminário, ou de ser diretor duma comunidade pobre, deslocar-se até aos confins do reino ou levar nele uma vida sacrificada, quer se trate até de cruzar os mares e ir até aos confins do mundo para conquistar uma alma para Jesus Cristo, a divisa deles é: “*ecce ego, mitte me*”⁸ (Is.6, 8).

⁸ “Eis-me aqui, enviai-me”.